

**12/7/1986**

**A greve começou há 18 dias**

São Paulo — A greve dos bóias-frias na região de Araras começou há 18 dias, exatamente quando as federações dos trabalhadores e dos empresários rurais do Estado de São Paulo — Fetaesp e Faesp — depois da mediação do ministro do Trabalho Almir Pazzianotto, assinaram o maior acordo salarial do país, envolvendo cerca de 400 mil cortadores de cana.

O acordo — fechado depois de 45 dias de negociação — foi festejado pelo ministro como uma decisão que colocava os trabalhadores rurais à frente dos urbanos. A Fetaesp, porém, divulgou nota considerando o acordo negativo, pois não era resultado de um "processo maduro e democrático", mas um "roteiro de negociações previamente comprometido com a legislação que instituiu o cruzado".

O item da convenção mais criticado pelos trabalhadores era o que estabeleceu o pagamento do corte de cana por tonelada. A Fetaesp reivindicava o pagamento por metro linear e propunha Cz\$ 1,00 pelo metro de cana reta, Cz\$ 1,30 pelo metro de cana curva e Cz\$ 1,50 no caso da cana rolão (muito curva). A entidade deixou claro, na ocasião, que não ia para o dissídio com receio de perder conquistas anteriores, como o piso salarial. Mas iria procurar a livre negociação para mudar a cláusula do pagamento por tonelada e esperava "flexibilidade da parte patronal". O pagamento por tonelada é considerado pelos trabalhadores de difícil controle e fraudulento.

O acordo fixou a diária mínima para o bóia-fria em Cz\$ 36,44 nas fazendas fornecedoras de cana e em Cz\$ 43,68 nas destilarias de açúcar e álcool. O corte da tonelada de cana de 18 meses passou a valer Cz\$ 11,26 nas fazendas e Cz\$ 12,61 nas usinas.

No início, a greve na região de Araras paralisou 12 mil trabalhadores nesse município em Mogi Guaçu, Conchal, Leme, Cosmópolis, Pirassununga e Santa Rita do Passa Quatro. Nos últimos dias, o movimento estava restrito a 6 mil trabalhadores de Leme.

**(Página 13)**